

## NOTAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E SEXUAL DAS SOCIEDADES DA GRÉCIA E ROMA ANTIGA

NOTES ON THE SOCIAL AND SEXUAL ORGANIZATION OF THE  
COMPANIES OF GREECE AND ANCIENT ROME

**Antoniél dos Santos Gomes Filho**

Faculdade Vale do Salgado  
antoniél.historiacomparada@gmail.com

**Michel Justamand**

Universidade Federal do Amazonas  
micheljustamand@yahoo.com.br

**RESUMO:** Partindo de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, o estudo em tela tem como objetivo refletir e discutir sobre a organização social e sexual das sociedades da Grécia e Roma Antiga a partir de textos com base historiográfica. Acredita-se que é necessário produzir no Brasil estudos sobre a sexualidade antes dos marcos das sociedades citadas, mas para tal é necessário compreender as influências destas sociedades em nossos traços civilizatórios, já que, a partir da colonização pelos europeus os entendimentos sobre a sexualidade estão correlacionados aos Gregos e Romanos Antigos, inclusive no que tange uma produção de conhecimento sobre o tema. Assim, para uma produção de conhecimentos sobre a sexualidade dos povos antigos do Brasil é necessário um processo dialógico entre os saberes e dizeres produzidos no norte e no sul global, sem hierarquias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade. Grécia e Roma Antiga. Brasil.

**ABSTRACT:** Starting from a bibliographical review of a qualitative approach, the study on screen aims to reflect and discuss about the social and sexual organization of the societies of Greece and Ancient Rome from historiographical texts. It is believed that it is necessary to produce studies on sexuality in Brazil before the milestones of the aforementioned societies, but for this it is necessary to understand the influences of these societies on our civilizing traits, since, from the colonization by the Europeans the understandings about sexuality are correlated to the Ancient Greeks and Romans, including in what concerns a production of knowledge on the subject. Thus, a production of knowledge about the sexuality of the ancient peoples of Brazil requires a dialogical process between the knowledge and sayings produced in the north and the global south without hierarchies.

**KEYWORDS:** Sexuality. Greece and Ancient Rome. Brazil.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo surge como desdobramento da investigação intitulada: *Experiências sociais e educacionais de travestis no Ceará: um estudo comparado entre Juazeiro do Norte e Canindé*; desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), na linha de História e Educação Comparada (LHEC), por Gomes Filho, e se

expande diante dos estudos sobre sexualidade pré-histórica que venho desenvolvendo no último sob orientação dos coautor do artigo, Justamand.

Quando se propõe pensar e debater as questões que envolvem a sexualidade na contemporaneidade, se faz necessário compreender as coligações e disputas em torno dos diversos conceitos que atravessam essa categoria, que esta ligada a contextos históricos de ruptura e continuidade no tempo-espaço.

Dentro do campo dos estudos brasileiros da sexualidade é necessário refletir e problematizar a questão da sexualidade e suas (inter)relações antes do marco da “[...] civilização grega [e romana], fundação sobre a qual se assenta a civilização ocidental [...]” (NAPHY, 2006, p. 57), conhecida pelos seus modos de organização social e político, e por suas formas de pensar e praticar a sexualidade. Mas, para a promoção dessas problematizações é necessário que se compreenda a organização social e sexual das sociedades da Grécia e Roma Antigas, uma vez que estas sociedades influenciaram os rumos de nossos entendimentos sobre a sexualidade, principalmente pelas vias, que nos parecem, cruéis dos 500 anos de colonização do Brasil.

Assim, partindo de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa (HOHENDORFF, 2014), objetivamos refletir e discutir sobre a organização social e sexual das sociedades da Grécia e Roma Antiga a partir de textos com base historiográfica. O estudo se justifica a partir do momento que promove uma discussão sobre as sociedades estudadas em seus tempos e espaços históricos, possibilitando ao leitor evitar anacronismos tão comuns quando se dialoga sobre sexualidade na atualidade, em especial nos contextos das relações e práticas homossexuais.

## **SEXUALIDADES NAS SOCIEDADES DA GRÉCIA E ROMA ANTIGA**

Peter N. Stearns (2010), em seu estudo sobre as relações de gênero no campo da história mundial, nos aponta que o Oriente Médio e a região do Mediterrâneo (oeste da Ásia, norte da África e sul da Europa) fornecem boas fontes e documentação preservada para o estudo das relações de gêneros das chamadas civilizações clássicas, proporcionando conhecer os olhares

convergentes e divergentes sobre como as mulheres são vistas nessas relações, uma vez que tal região passou por uma série de acontecimentos históricos (conquistas e invasões), proporcionando contatos e trocas culturais entre diversos povos. O fato de pensar as mulheres e suas relações sociais, nas civilizações clássicas, está correlacionado com a base tradicional de tais civilizações, ou seja, o patriarcado enquanto estrutura social.

O patriarcado, como um dos modelos políticos do período (EISLER, 1996), afetou principalmente as mulheres, mas também acometeu os homens e as definições de masculinidade. O papel de dominação deveria ser assumido pelos homens independente da individualidade. Mas, as estruturas de masculinidade e feminilidade dependiam de cada sociedade, assim “algumas sociedades autorizavam outras categorias para os homens, tolerando lhes comportamentos ou vestimentas mais próprios de mulheres, ou mesmo a orientação homossexual.” (STEARNS, 2010, p. 34), como é o caso da sociedade greco-romana, onde os “[...] homens da alta classe grega eram bissexuais, escolhendo garotos para protegidos e amantes. Isso não excluía o casamento [...]” (IBID. p. 49).

Considerando que uma estrutura de organização social com base no patriarcado tenha atravessado diversas civilizações, é necessário que se pense que tal estrutura não se constitui como universal, ou seja, há variações de cultura para cultura, o que impõe modos de organização social diferente para os corpos, os sexos e os gêneros, ao longo da história. Dito isto, e ciente da abrangência que seria debater as relações de gênero nessas civilizações (egípcia, mesopotâmica, sumeriana, indiana, chinesa, etc.), volta-se os olhares para a civilização greco-romana, apresentando assim algumas notas sobre como a sexualidade era organizada nessa cultura, procurando tecer comparações quando pertinentes, com a sociedade ocidental moderna, evitando assim anacronismos. É preciso enfatizar que:

A expressão *sexualidade* é empregada somente a partir do século XIX, portanto, sem valor epistemológico para as sociedades anteriores; contudo, a sua aplicação é apropriada por considerar como os valores culturais interferem na maneira como as pessoas se relacionam com o próprio corpo, com os desejos e sentimentos. A análise da sexualidade integra a historicidade do corpo, do que pode ser definido por erógeno, das prescrições estabelecidas à prática sexual e de suas emoções, evidenciando variados sentidos de acordo com os valores socialmente

constituídos em grupos, tempos e espaços históricos estabelecidos (FEITOSA, 2008, p. 128).

David Halperin (2000) lembra que o estudo da antiguidade clássica está envolvido com um retorno no tempo, por meio dos registros deixados por estas sociedades, de modo que é um grande desafio compreender como as condutas e práticas sociais desses povos se davam, uma vez que se tomam como base de análise as noções modernas sobre a vida e seu cotidiano, inclusive no que se refere à sexualidade.

No texto: *A Política*, do filósofo grego Aristóteles, se observa como acontecia a organização da vida social, pública e privada, sendo que “[...] a relação de superioridade existe constantemente da espécie macho para a espécie fêmea.” (ARISTÓTELES, 199-?, p. 31), apontando assim que os homens na sociedade grega estavam hierarquicamente em um nível mais elevado.

A noção de homem, nesta contextualização, não se relaciona apenas a questões de cunho biológico, mas a uma série de outros marcadores sociais. Assim, um cidadão da *polis* grega era o homem nascido naquele território, considerados livre e ativamente participante nos assuntos públicos, por isso, mulheres, escravos e estrangeiros não eram considerados como tais, o que não é indicativo de uma não participação social.

Como aponta Lourdes Conde Feitosa, nas sociedades da Grécia e Roma Antiga muitas mulheres das classes mais altas foram responsáveis pelos negócios da família, tal como as corporações de ofício e gerenciando as propriedades particulares da família, e até mesmo a participação feminina em questões políticas locais, as mulheres de classe mais baixa desenvolviam atividades como taberneiras, tecelãs, vendedoras, cozinheiras, perfumistas, etc. As mulheres mesmo diante de uma sociedade de estrutura patriarcal não estavam confinadas aos espaços privados sob o domínio ferrenho dos homens (FEITOSA, 2008).

Mesmo desenvolvendo as atividades mencionadas, as mulheres encontravam-se no mesmo patamar dos bárbaros e escravos, tal como aponta Aristóteles: “Entre os bárbaros a mulher e os escravos se confundem na mesma classe. Isso acontece pelo fato de não ter lhes dado à natureza do instinto de

mando” (ARISTÓTELES, 199-?, p. 14). O homem livre tinha por natureza o instinto de mando, sendo este igual a outros homens livre e superior aos demais indivíduos, uma vez que a “autoridade e obediência não só são coisas necessárias, mas coisas úteis. Alguns seres, ao nascer, se vêem destinados a obedecer; outros, a mandar.” (IBID p. 18). Em resumo:

En la Atena clásica un grupo relativamente pequeño compuesto por ciudadanos masculinos adultos, tenía el monopolio virtual del poder social, y constituía una elite claramente definida dentro de la vida política y social de la ciudad-estado. La característica predominante del ambiente social en la Atenas clásica era la gran división en estatus entre un grupo supraordinado compuesto por ciudadanos, e uno subordinado, compuesto por mujeres, niños, extranjeros y esclavos, quienes no tenían todos los derechos civiles (aunque no todos eran igualmente subordinados). Las relaciones sexuales no sólo respetaban esa división, sino que estaban estrictamente polarizadas de conformidad con ella (HALPERIN, 2000, p. 25).

A sociedade grega antiga possuía uma hierarquia social muito bem definida, com regras sociais para os cidadãos, onde poderíamos afirmar que, até certo ponto, tais regras eram “bem rígidas”, no que diz respeito às práticas sexuais, chegando até os integrantes da sociedade considerados “subordinados”. Essa conjuntura fez (e faz) com que a sociedade grega, seja conhecida, e, muitas vezes, representada popularmente na atualidade como uma “sociedade liberal com as questões sexuais” e de “permitir livremente as relações homoeróticas”, tal proposição do sensu comum deve ser refletida com olhares mais cautelosos e analíticos, pois essa,

[...] inadequação é a transposição simplista dos conceitos de homossexual e heterossexual [contemporânea] para a análise da experiência sexual no mundo antigo. Nesse universo, o fato de um “homem” fazer sexo com outro “homem” ou “mulher” não era suficiente para identificar a sua categoria sexual, como ainda é pressuposto nos dias atuais. Longe de fundar uma espécie - o “homossexual” - a relação sexual entre dois homens era considerada uma prática erótica compatível com o casamento com o sexo oposto, não excludente, pois da relação com as mulheres (FEITOSA, 2008, p. 132).

Tal inadequação também é compartilhada e tratada por Paulo César Possamai (2010), Michel Foucault (2014) e Jurandi Freire Costa (1992).

Jurandi Freire Costa, ao escrever sobre conjugalidade, ética sexual e parceria homoerótica, defende a utilização do termo homoerotismo para retratar

as relações e práticas sexuais anteriores ao processo de patologização das relações entre pessoas do mesmo sexo, em especial pela psiquiatria – ressaltando que o termo homoerotismo instaura um outro modo de pensar o fenômeno, como diz o autor: “homossexualismo [ou homossexualidade] é uma configuração histórica particular das práticas homoeróticas” (COSTA, 1992, p.77). Os termos, homoerótico e homoerotismo incluem, segundo o pesquisador noções de amor e companheirismo, que vão além das práticas sexuais em si. Dito isto, utilizaremos o termo homoerotismo ou homoerótico para nos referirmos às relações e práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo no contexto das sociedades greco-romanas neste estudo.

As relações homoeróticas dos homens adultos considerados cidadãos fossem elas com outros homens, ou com mulheres seguiam as hierarquias sociais, tendo em vista a díade: dominador-dominado, sendo que a penetração constituía a forma de materialização desse modelo, visualizada pelos demais membros da *polis* grega, por isso, a atividade sexual constituía-se,

[...] en un gesto asimétrico - la penetración del cuerpo de una persona por el cuerpo (y, específicamente, por el falo) de otra -; el sexo efectivamente dividía y distribuía a sus participantes en categorías distintas e inconmensurables (“penetrador” vs. “penetrado”), categorías que eran completamente congruentes con las categorías sociales de supraordinado y subordinado. La penetración fue tematizada como una dominación: la relación entre el partenaire sexual penetrador y el penetrado era del mismo tipo de relación que se tenía entre una persona socialmente superior y otra inferior. Los roles sexuales penetrador y penetrado eran por ello necesariamente isomórficos con el estatus social del supraordinado y del subordinado; un adulto, ciudadano varón de Atenas, podía tener legítimas relaciones sexuales sólo con personas socialmente inferiores (no en edad sino en estatus social y político); los blancos apropiados de su deseo sexual incluían, específicamente, mujeres de cualquier edad, varones libres que habían traspasado la pubertad pero que aún no tenían edad para ser ciudadanos (los llamaré “muchachos”, para abreviar), tanto como extranjeros y esclavos de cualquier sexo (HALPERIN, 2000, p. 25-26).

Havia uma sincronia entre a vida política e a vida sexual dos cidadãos, desse modo, “*la sexualidad no era la clave de los secretos de la personalidad humana.*” (HALPERIN, 2000, p. 27), algo que com a entrada da cultura judaico-cristã seria modificado pela introdução de novas técnicas, e a junção de modelos já conhecidos pelas sociedades greco-romanas.

As relações e práticas sexuais entre homens na Grécia para além dessa hierarquia, também envolviam relações de cunho sentimentais mais profundas, o que demonstra uma “grande variedade de actividades homossexuais aceites que quase certamente se desenvolveram no período arcaico.” (NAPHY, 2006, p. 54).

A sociedade grega muitas vezes encarava o “amor entre homens e os laços heroicos e corajosos que ele produzia como parte integrante da ideia da singularidade e independência gregas.” (IBID, p. 55). Sobre essa “variedade de actividades homossexuais”,

[...] o amor entre homens constituía um elemento muito importante de toda cultura grega. Tem havido a tendência de nos concentrarmos na pederastia ateniense, a qual se encontrava bastante institucionalizada, ou nos sistemas de camaradagem masculina entre os soldados espartanos. Embora importantes, essas não são as únicas formas que os Gregos construíram para o amor entre homens - e os Gregos colocavam sempre em primeiro plano a ligação emocional, nunca com exclusão dos aspectos sexuais. Como outras sociedades, os Gregos situavam as relações entre homens, baseadas no amor, afecto e amizade acima dos laços conjugais (muitas vezes combinados por outros), baseados no desejo de produzir descendência. Como diz Calicrátidas em *Erotes* (Amores), diálogo ao estilo Luciano: <<o casamento é um remédio inventado para assegurar a necessária perpetuidade do homem, mas apenas o amor dos homens é um dever nobre imposto a um espírito filosófico>>. (NAPHY, 2006, p. 55).

Enquanto David Halperin dá ênfase às relações hierárquicas que organizavam as relações entre “*supraordinado y subordinado*” no seio social e que se estendiam às práticas sexuais em Atenas, Willian Naphy apresenta uma visão mais ampla das “actividades homossexuais”, uma vez que em Atenas a pederastia “relação entre um adolescente em regra passivo e um adulto mais velho e geralmente activo” (IBID, p. 54) estava institucionalizada. Outras conotações também eram dadas a essas atividades, entre elas como já mencionadas às relações sentimentais de amor, companheirismo e amizade entre homens, inclusive nas organizações militares, além de estar inserida no pensamento filosófico grego, sendo estas relações defendidas por muitos pensadores da época.

Se na atualidade a homossexualidade nos exércitos é considerada um tabu, no Batalhão Sagrado de Tebas o amor entre os soldados constitui-se de

uma virtude no campo de batalha. O Batalhão Sagrado de Tebas segundo a lenda grega:

[...] era um exército de 150 pares de amantes homossexuais [e] tornaram-se célebres quando conseguiram derrotar os Espartanos, sendo vencidos apenas três décadas mais tarde por Felipe da Macedónia e o filho deste, Alexandre Magno, na batalha de Queroneia (338 a.C). Porque se negaram a render-se, apesar de vencidos, foram chacinados pelos Macedónios. (NAPHY, 2006, p. 56).

Há existência do batalhão foi relata por Plutarco:

Porque os homens da mesma tribo ou família pouco se prezam quando o perigo aperta; mas um grupo cimentado pela amizade baseada no amor nunca se desfaz e é invencível; pois os amantes, com vergonha de agir com desonra à vista dos amados, e os amados diante de seus amantes, se precipitam livremente para o perigo em defesa um do outro (PLUTARCO apud NAPHY, 2006, p. 57).

Willian Naphy (2006) discorre sobre a sociedade romana e mostra que as relações homoeróticas dos cidadãos estavam correlacionadas com a penetração – constituindo esta um ato simbólico de representação de conquistadores da sociedade romana, e como aponta Paulo César Possamai (2010, p. 87): “Para os romanos, em geral, o prazer traduzia-se no desejo de transferir o próprio sêmen para o corpo de outra pessoa, portanto, somente o ativo gozaria.”, desse modo, os prazeres, seriam algo destinado para aqueles sujeitos que estão, hierarquicamente, numa posição superior, apenas eles podem penetrar e sentir o prazer oriundo do gozo sexual.

As práticas homoeróticas Gregas influenciaram a sociedade Romana “que não tinha qualquer tradição autóctone de pederastia [...] em circunstância alguma um homem romano devia ser penetrado [...] o importante para os romanos era ter o poder de sodomizar tudo e todos.” (NAPHY, 2006, p. 59). Para Naphy, houve uma construção confusa nas relações homoeróticas na sociedade Romana, diante dessa incorporação cultural grega.

Michel Foucault também se ocupou de analisar as relações homoeróticas das sociedades Gregas e Romanas, numa perspectiva filosófica. Seus estudos possuem uma configuração no campo da história, mesmo não sendo historiador de formação, “os estudos que se seguem, assim como outros que anteriormente empreendi, são estudos de ‘história’ pelos campos que tratam e pelas

referências que assumem, mas não são trabalhos de um ‘historiador’” (FOUCAULT, 2014, p. 14).

Foucault analisa as “artes da existência” e “técnicas de si”, ou seja, o modo como o sujeito do desejo vai aprender a manipular uma série de aprendizagens socialmente compartilhadas, que se estabelecem em formato de normas, que ora se revelam de modo, mais ou menos rigoroso em formato de lei (jurídica, médica, etc.) e ora se afrouxa frente às conotações sociais que essa arte e técnica se apresenta configurada nas relações sociais, frente a uma moral sexual, que só é destinada para os homens, por isso, “trata-se de uma moral de homens; uma moral pensada, escrita, ensinada por homens e endereçada a homens, evidentemente livres.” (FOUCAULT, 2014, p. 29), sendo que as mulheres, como já ressaltado, estavam “a título de objetos ou no máximo como parceiras às quais convém formar, educar e vigiar, quando se tem sob seu poder” (IBID.).

Diante de todo esse contexto de “liberdade” sexual dos cidadãos gregos e romanos, havia quem dirigisse críticas para as relações homoeróticas, e também cidadãos que abdicassem desta tal “liberdade” sexual, mantendo uma vida amorosa monogâmica, optando pela abstinência sexual, ou mesmo afrontando as normas estabelecidas para as relações homoeróticas, promovendo assim o casamento entre dois homens, seguindo os mesmos ritos realizados no casamento entre um homem e uma mulher.

Paulo César Possamai (2010), ao analisar as obras de Marco Valério Marcial, nascido entre 31 e 41 d.C. e Juvenal, do qual pouco se sabe sobre sua biografia, aponta como esses dois moralistas romanos por meio de epigramas condenavam algumas práticas homoeróticas, entre elas a passividade masculina, o casamento entre dois homens, a prática do cunilíngua e principalmente o que achavam o ápice da degradação sexual, o homoerotismo feminino e as mulheres que assumem um papel viril/masculino.

Com relação ao casamento entre dois homens na Roma Antiga, poucos eram os cidadãos que ousavam fazê-lo, tendo estes certo prestígio social, sendo estes alvos de grandes críticas por parte dos moralistas, tal como pode ser visto no epigrama de Marcial e na sátira de Juvenal que se destinava ao homem que assumia o papel feminino:

O barbudo Calístrato se casou ontem com o robusto Afro, segundo os ritos que se costumam seguir quando uma virgem se casa. Precediam-lhe tochas acesas, um véu vermelho lhe cobria o rosto e não lhe faltaram, ó Talásio, deus dos matrimônios, os teus cantos. Também se fixou um dote. Não te parece suficiente, Roma? Ou acaso espera que Calístrato dê à luz? (MARCIAL, *Epigramas*, XII, 42 apud POSSAMAI, 2010, p. 88).

É uma pena que essas pobres esposas não possam parir e segurar o marido com os filhos! Felizmente a natureza não concede à vontade direitos sobre o corpo (JUVENAL, *Sátiras*, II, 143-148 apud POSSAMAI, 2010, p. 88).

Se as críticas para os homens que assumiram um papel feminino já apresentavam teor de desprezo social, pior ainda era quando uma mulher buscava assumir os papéis de masculinidade e virilidade, socialmente compartilhados entre os romanos. Marcial faz um epigrama sobre essas mulheres:

A tríbade Filenis enraba os garotinhos e, mais libidinosa que o um marido no seu ardor lúbrico, num só dia ela fode onze moças. [...] Embora faça tudo com libidinagem, não chupa um caralho, ayo que ela julga ser pouco viril, mas devora com frenesi as bocetas das moças. Que os deuses conservem a tua inclinação, Filenis, tu que julgas coisa e homem chupar bocetas (MARCIAL, *Epigramas*, VII, 67 apud POSSAMAI, 2010, p. 91).

Assim, todo o conjunto de normas e os valores, e a moral sexual dos Romanos estava voltado para o homem cidadão, sendo estas “uma elaboração da conduta masculina feita do ponto de vista dos homens e para dar forma à sua conduta.”, desse modo, uma mulher que toma para si o papel da masculinidade e virilidade torna-se uma “[...] ameaça à ordem estabelecida, na imagem de uma mulher que ousa tomar o lugar do homem, invertendo os papéis de dominador e do dominado que o gênero deveria indicar em uma sociedade patriarcal como a romana.” (FOUCAULT, 2014, p. 30).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As notas apresentadas sobre as relações e práticas sexuais entre pessoas de sexos diferentes, e mais especificamente as relações homoeróticas masculinas e femininas da Grécia e Roma antiga, demonstram como a moral sexual estava embasada sob a égide masculina, que tinha no corpo do homem livre a materialização desta moral, uma vez que este cidadão podia, caso

quisesse manipular diversas possibilidades de práticas sexuais, conservando seu *status* de superioridade, mantido através da dominação e penetração. Além destas experiências, deve-se lembrar que outras experiências sexuais tais como a monogamia e a abstinência sexual já estavam presentes socialmente.

Todo esse panorama seria de algum modo, modificado com a entrada do cristianismo na sociedade Romana, que mudaria as formas de ver e pensar as práticas e técnicas sexuais, em geral, e em especial nas relações homoeróticas que passariam a ser banidas e castigadas, inaugurando um novo rumo para a história dos homens e mulheres que amavam e praticavam sexo com outros homens e mulheres.

Como foi apontado na introdução do estudo, para a produção de uma história sobre a sexualidade no Brasil que se afaste dos marcos civilizatórios Gregos e Romanos Antigos, é necessário que se (re)conheça como tais sociedades se organizaram, e como essa organização social foi se modificando historicamente, influenciando nossos olhares sobre a sexualidade, em especial com a chegada dos europeus no Brasil.

Portanto, consideramos que o estudo com base na reflexão e discussão sobre a organização social e sexual das sociedades Gregas e Romanas Antigas é fundamental para compreender a construção das ideias sobre a sexualidade no Brasil, e também para desmistificar ideias sobre as relações e práticas homossexuais, em especial as que se utilizam de discursos como: “a homossexualidade era aceita livremente na Grécia...”, “os povos greco-romanos tinham liberdade sexual”, dentre outras. Assim, como visto no estudo, a investigação sobre a sexualidade deve levar em consideração o tempo e o espaço histórico, evitando assim anacronismos.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Editora Escala, [199-?]. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, 16).

COSTA, J. F. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

EISLER, Riane. **O prazer sagrado. Sexo, Mito e Política do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FEITOSA, L. C. Gênero e sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. In: **História: Questões & Debates**. n. 48, p. 119-135, 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/view/15297/10288>>. Acesso em: 09 Set. 2015.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HALPERIN, D. ¿Hay una historia de la sexualidad? In: GIORDANO, R.; GRAHAM, G. (Orgs.). **Grafías de Eros**. Buenos Aires: Ediciones de la école lacanienne de psychanalyse - Edelp, 2000.

HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. P.; HOHENDORFF, J. V. (Orgs.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

NANPHY, W. **Born to be gay: História da Homossexualidade**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

POSSAMAI, P. C. Sexo e poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal. In: **Bagoas**, v. 4, n. 5, p. 79-94, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2313>>. Acesso em: 17 Set. 2016.

STEARNS, P. N. **História das relações de gênero**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Recebido em 20 de fevereiro de 2018.

Aceito em 31 de março de 2018.